

não conseguiu contornar o Cabo (rebatizado de Cabo da Boa Esperança pelo rei Dom João II). Foram precisos mais 10 anos para que o herói português Vasco da Gama chegasse às Índias na expedição de 1497-99. Apesar de a terem descoberto, os portugueses nunca tiveram interesse naquela terra sul-africana semi-árida e cheia de leões, leopardos e negros selvagens. Tampouco os navegantes holandeses que vieram depois. Pragmáticos, estavam mais interessados nas especiarias das Índias.

Somente em 1652, com o estabelecimento de rotas marítimas mais constantes, os holandeses sentiram a necessidade de fundar um ponto de apoio no Cabo para reabastecimento. Assim, nesse ano, Johan van Riebeeck a mando da Companhia Holandesa das Índias Orientais estabelece um forte e uma fazenda no local onde hoje está a belíssima Cidade do Cabo. Mas demorou para que o fabuloso *Terroir* africano fosse explorado apropriadamente.

Em 1679 chegou o novo comandante da VOC (iniciais da onipresente Companhia Holandesa das Índias Orientais) Simon van der Stel. Com uma visão impressionante fundou no ano seguinte um vilarejo a alguns quilômetros do litoral que se dedicaria à vinicultura. O vale com um *Terroir* perfeito foi batizado por ele de Stellenbosch (que significa “bosque do Stel”, um tanto vaidoso o comandante). Até hoje a cidade é considerada o coração da melhor região vinícola da África do Sul. Em 1923 foi criada a uva Pinotage (cruzamento da Pinot Noir com a Cinsaut), e que

hoje é a uva símbolo da África do Sul, em uma Universidade lá localizada. O comandante Simon van der Stel também fundou uma fazenda próxima da Cidade do Cabo a que chamou *Constantia* em homenagem a um navio da Companhia. Durante séculos o vinho de sobremesa de *Constantia* foi considerado um dos melhores do mundo.

Mas, como já disse, a história do vinho é a história dos homens que o fazem e consomem. E é difícil falar desse país sem citar o *Apartheid*. A segregação racial sempre existiu no país desde os primórdios da colonização. Mas foi tornada lei em 1948. E criou uma nação esquizofrênica. Banheiros públicos, restaurantes, ônibus, praias, tudo era dividido para uso por *europeans* e *non-europeans* ou *whites* e *coloreds*. Tudo devidamente sinalizado. A lei regia desde o trânsito até a escola (e conseqüentemente a qualidade do ensino) que as pessoas tinham direito baseado na cor de sua pele. Para circular os negros tinham de portar um passaporte 24 horas por dia. Caso fossem pegos sem ele eram sumariamente presos. As manifestações públicas dos “coloreds” eram proibidas e reprimidas à bala. Em plena segunda metade do século XX um sistema político desses gerou reações da Comunidade Internacional que culminaram com um bloqueio econômico. O sistema não resistiu às pressões e caiu em 1994.

Quem hoje visita a África do Sul vê um país com profundas cicatrizes. Agora vigora um outro tipo de *Apartheid* bem conhecido de nós brasileiros, o social. Os brancos acudados em verdadeiras

fortalezas/condomínios fechados. E uma imensa maioria de “coloreds” excluída. Mas também se vê um povo conciliador disposto a esquecer o passado, extremamente orgulhoso de sua jovem democracia.

Com a queda do bloqueio econômico o mundo quis provar o vinho africano. As exportações tiveram o incrível salto de cerca de 70 milhões de litros em 1995 para 280 milhões de litros em 2005. A indústria está passando por um processo rápido de adaptação de um mercado exclusivamente doméstico, por conta do bloqueio econômico, para um mercado de exportação.

Dentre as castas brancas mais plantadas merecem atenção a Chenin Blanc, Chardonnay e Sauvignon Blanc. Nas tintas valem uma degustação a Cabernet Sauvignon, Shiraz e Pinotage. Esta última é controversa, há os que amam e os que odeiam. Eles produzem cortes interessantes dela com castas internacionais, tipo Cabernets e Merlot, o chamado *Cape Blend*. Abaixo algumas sugestões.

- Boekenhoutsloof Syrah 04 – US\$79,90 – Mistral (11-33723400);
- Kanonkop Pinotage 03 – US\$49,90 – Mistral;
- Glen Carlou Chardonnay 04 – R\$75,00 – www.grandcru.com.br;
- Rust en Vrede Estate 02 – US\$71,50 – Vinci (11-60970000).

Dr. Niazi Dias Rubez

é membro titular do CBR, médico radiologista e membro do “Wine and Spirits Education Trust” de Londres - Inglaterra. E-mail: niazi@ig.com.br



medicina era o essencial, mas também uma demonstração de cultura geral. Falava-se de história, educação, política, relacionamento humano etc.

Mas como não há mal que sempre dure nem bem que nunca se acabe, fui demitido com a justificativa de fechamento da enfermaria por falta de verbas.

Postado em frente ao centro cirúrgico, abatido, sem saber o que fazer, como dar de comer à mulher e ao filho, estava eu, inconsolável, com a carta de demissão nas mãos.

Caído do céu, aproxima-se de mim o chefe do departamento de radiologia; contei a ele a minha desdita. Não queres fazer radiologia? Tenho uma vaga no meu departamento. Aceitei imediatamente.

Antevi a grandeza da especialidade. Visualizei sua importância no diagnóstico, sua posição entre as demais especialidades, o quanto me aproximava do meu sonho de clínica médica, além das possibilidades práticas.

Apresentou-me ao *staff* do departamento e eis-me trabalhando na radiologia. Acertei em cheio. Minha felicidade estava completa. Se acreditasse em reencarnação, pediria a Deus para renascer médico radiologista.